

Discursos sobre a Pintura

O que é pintura? Elementos de sinalização do trânsito, desses que são fixados às ruas, formando as faixas de segurança para os pedestres, dividindo as pistas e indicando as direções, são pinturas? O resto da tinta acrílica que fica na lata, constituindo uma película plástica, é pintura? Pintura não é superfície e cor, superfície e pigmento? Essas são algumas das provocações de Frantz para se pensar o que é, de fato, pintura.

Na verdade, **tudo o que Frantz propõe e faz sempre gera alguma divergência**. Quando, em 1982, expôs suas **pichações** no Margs, em Porto Alegre, foi uma balbúrdia. Primeiro, porque ele era um estreante e, sobretudo, porque as suas imagens primavam pelo caráter nada ortodoxo, colocando desde aquele momento o processo pictórico tradicional no limbo. Tratava-se de obras fortemente gestuais, feitas com tinta acrílica e **spray** sobre tela, que transpunham para o quadro a linguagem dos pichamentos urbanos. Tal como um muro da cidade, seus trabalhos mostravam palavras e sinais gráficos em preto e vermelho, num viés de crítica política e social. *Liberdade* foi o termo mais reproduzido, bem como suas frações, oriundas de cortes que o artista operava nas extremidades da palavra. Surgiram então expressões como *iberdad* e, logo após, *erda*, que poderiam suscitar distintos significados. Na seqüência, apropriando-se da palavra *Lixo* e explorando os estilhaços do vocábulo, Frantz encontrou o “X”. Constante nas pichações de rua e usado tanto como sinal de escolha, como de anulação, o “X” se incorporou à poética do artista de tal forma, que acabou se transformando num de seus emblemas. Ele está em diversas de suas pinturas, gravuras, intervenções no espaço público e também na impressionante série produzida a partir de meados dos anos 80, na qual o suporte da obra era a própria tinta acrílica. Ou seja, *tinta sobre tinta*. Devido à maleabilidade do material, as pinturas acabavam sendo também objetos, clamando pelo

envolvimento do espectador, podendo e devendo ser manipuladas, dobradas, moldadas. Novamente, algo nada convencional.

As recentes pinturas de Frantz, **fragmentos de pisos e paredes do atelier**, mantêm a ousadia que distingue a sua trajetória. O processo vem se desenvolvendo há pelo menos quinze anos e é interessante que seja brevemente descrito e situado.

No final da década de 80, Frantz esteve por duas vezes na Alemanha, a estudos. Alugou apartamento e, naturalmente, deveria entregá-lo como recebeu: limpo. Para proteger o chão dos respingos de tinta, cobriu o mesmo com folhas de papel branco justapostas. E eis que, certo dia, olhando para os papéis que se estendiam pelo quarto, percebeu que tinha diante de si pinturas. Desprovidas de qualquer intenção, aquelas manchas e nódoas multiformes e vicejantes eram o registro do acaso e do próprio ato de pintar, do embate entre o pintor e a tela, entre o pintor e seus materiais; formas resultantes de um **campo de batalha**, para usar a expressão tão cara ao artista. Essa experiência foi decisiva para ele. Desde então, progressiva e racionalmente, abandonou o *fazer* em prol de um outro exercício, o *olhar*. **O resultado é que hoje Frantz é um pintor que não pinta.**

Objetivamente, seu trabalho consiste em forrar com papel ou tela branca e imaculada o atelier no qual ministra aulas de pintura. O sentido é, em tese, proteger o espaço dos resquícios do processo de pintar. Por ali passam dezenas de alunos e artistas, e essa cobertura vai recebendo, passivamente, respingos de tinta, pegadas, marcas de cigarro, sinais de cavalete, de latas, camadas e camadas, dezenas delas, de restos. Todos materiais mortos, o que constituiria o lixo do atelier. É da interação desses detritos com o suporte que se formam as pinturas de Frantz. Quando caminha

pelo lugar, quando caminha sobre as vindouras pinturas, costuma apontar espaços de sedimentação e de cor que considera interessantes, que constituirão *suas* futuras obras: “Aqui tem pintura. Ali, naquele canto, tem outra”. No caso dos trabalhos em papel, os módulos são retirados e aproveitados em sua totalidade. Já os tecidos passam por uma edição, por uma composição. Só depois de a tela ser cortada é que a mesma será fixada ao bastidor. **Está aí a sua assinatura** e é aqui que reside um dos pontos que mais lhe interessa. “Se a sujeira do atelier foi produzida pelo artista que estava fazendo a sua obra, a pintura que eu tiro dessa sujeira é *minha* ou é dele? Se eu pego um espaço e o recorto, se eu pego algo que é um resto dos outros, eu posso me dar o direito de assinar isso como meu? Acredito que posso, e é isso que venho fazendo”, comenta. Seu trabalho toca, portanto, em duas questões ainda controversas do campo da arte: de um lado a **autoria** e, de outro, a **manufaturação**. Provocações e polêmicas, mas não para o artista: “Como acredito que só existe polêmica quando existe debate, então não há polêmica. Muita gente vê o que eu faço com descrença, não entende e não quer entender. E eu gostaria que houvesse essa discussão; é dela que as coisas nascem”.

Ao resgatar esses refugos e dejetos do atelier, insuflando-lhes vida, Frantz nos mostra que tudo, nesse fantástico laboratório, é passível de ser visto como pintura. E então cria livros, formas escultóricas a partir de sobras de tinta, de indícios de outras obras, de outras pessoas. Ele admite que nunca sabe se vai funcionar, mas faz, e faz porque gosta, regido pelo desejo, não pelo mercado, jamais pelo mercado. Daí também as raras exposições.

Atualmente acontece uma dessas mostras bissextas. É na Pinacoteca da Feevale, em Novo Hamburgo, onde Frantz expõe alguns fragmentos de pisos e paredes, fascinantes e sedutores em sua pulsante materialidade. Trata-se de uma oportunidade de dialogar com as suas idéias, de ver o

trabalho de um artista absolutamente coerente que, desde o início, jamais teve medo de experimentar. Se as suas imagens conseguirem desestabilizar as nossas frágeis certezas acerca da arte, estarão cumprindo o seu desígnio.

Paula Ramos é jornalista e doutora em História, Teoria e Crítica de Arte/UFRGS.